

# XIX Encontro Nacional de Economia Política

Área Temática: Economia Política, Capitalismo e Socialismo  
Sub Área: Capitalismo Contemporâneo

## A Estagnação Secular e a TI

Marcus Alban<sup>1</sup>

### Resumo

Os anos no entorno da virada do milênio, ainda que não alcançando todo o brilho da Era Dourada do pós-guerra, conformam um período de grande dinamismo. O dinamismo, porém, se esvaiu em 2008, com o estouro da bolha dos *sub-primes*, provocando uma grave crise que, mesmo com pesadas intervenções governamentais, insiste em não acabar. Nesse contexto, em contra ponto a explicação da crise como decorrência da bolha e seu estouro, o *mainstream* ressuscita a tese da *Estagnação Secular*, formulada no pós-guerra, sem explicar, contudo, o porque da mesma. O presente artigo, após uma breve revisão das diversas teses e estratégias de superação propostas, desenvolve, a partir de formulações originais de Schumpeter, a hipótese de que a crise é um processo bem mais estrutural, que se inicia ao final dos anos 70, com a emergência da TI como novo paradigma tecnológico dominante. Esse paradigma, ao contrário dos seus antecessores, o mecânico e o eletromecânico, permite às empresas a obtenção de grandes ganhos de produtividade sem a realização de grandes investimentos. Desta maneira, a busca dos ganhos de produtividade acaba não gerando um crescimento robusto, o que leva à trágica expansão do desemprego / degradação dos salários que, simultaneamente em todo o mundo desenvolvido, desacelera a economia real e potencializa a esfera financeira.

### Palavras Chave

Sub-primes, Tecnologia da Informação, Estagnação Secular

### Abstract

Close to the end of the new millennium, there has been an economic dynamism, although not so much as the one after the II World War, known as the Golden Age. This dynamism, however, ended in 2008 with the subprime crisis. This gave room for a severe economic predicament despite heavy intervention from the governments and there is no sign that it is close to an ending. As a result, the economic mainstream brought back the *Secular Stagnation* thesis popular after the II World War as another way for explaining the subprime crisis. The thesis' revival, however, does not explain the reasons for the crisis. Based on Schumpeter, this article argues that the current crisis is a structural one with its origins dating back to the 70s with the advent of the IT as a new and dominant technological paradigm. This paradigm, in contract to the two previous ones – mechanical and electromechanical – allows businesses to profit based on productivity rather than on large investments. Because of that, productivity gains do not spill over vigorous economic growth, leading to unemployment and wage decreases throughout the developed world, slow down the real economy and leverage the financial sphere.

---

<sup>1</sup> Engenheiro, Doutor em Economia pela USP e Professor do NPGA-UFBA. m.alban@uol.com.br

## 1. Os Anos Dinâmicos da Virada do Milênio

Os anos 70, que sucedem os Anos Dourados do pós-guerra, serão marcados em todo o mundo pelo surgimento da estagflação – a convivência de estagnação com altas taxas de inflação<sup>2</sup>. Em certa medida, a estagflação desses anos pode ser explicada pelos dois choques de petróleo da década.<sup>3</sup> No mundo industrializado da época, o petróleo era não apenas a principal fonte de energia, como também uma das principais fonte de matérias-primas. Assim, ao elevar-se o preço do petróleo, e isso numa estrutura indexada por contratos do tipo fordista, elevam-se, direta e indiretamente, os preços de toda a economia, associando a inflação à desaceleração da atividade econômica.

Com a estagflação, o keynesianismo, que defendia o pleno emprego via ação governamental, entra em crise, sendo substituído na política econômica pelo monetarismo de Milton Friedman. Para Friedman e seus seguidores, a inflação era sempre um processo decorrente de uma expansão monetária excessiva. Desse modo, sem maiores custos, para conter a inflação bastaria – em tese – conter a expansão monetária. Em linhas gerais, particularmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, foi isso o que foi tentado ao final dos anos 70, começo dos 80. Como se sabe, a inflação de fato cedeu. Os custos sócio-econômicos desse processo, no entanto, via aumento decorrente dos juros, mesmo com o recuo dos preços do petróleo, foram muito superiores aos previstos.

Vencida a crise inflacionária, os anos 80 pareciam ter tudo para retomar o vigoroso e dinâmico ciclo de crescimento dos Anos Dourados. Afinal, o preço do barril de petróleo, que continuava sendo o principal insumo da sociedade, havia caído, e a produtividade por unidade de investimento, com o avanço da automação flexível, voltava a se expandir a altas taxas. Os anos 80, porém, bem como o começo dos anos 90, não serão marcados por um crescimento dinâmico. Como se observa no Quadro 1, ainda que na grande maioria dos casos superando a crítica década de 1970, os anos 80 apresentarão um crescimento agregado bastante tímido, e muito distante do desempenho obtido nos Anos Dourados. O desemprego, por outro lado, será crescente mesmo com a retomada do crescimento. Tem-se dessa maneira o chamado *jobless growth* – o crescimento sem emprego –, que a partir dos anos 80 se estabelece no mundo desenvolvido,

---

<sup>2</sup> Termos como *Anos Dourados*, *Gloriosos e Idílicos*, foram e são utilizados por diversos economistas e historiadores que estudaram a dinâmica de grande crescimento e baixa inflação que caracteriza os anos do pós-guerra nas economias centrais. Dentre outros, ver Maddison (1982) e Hobsbawm (1996).

<sup>3</sup> Para uma análise detalhada da estagflação, ver a clássica visão monetarista de Friedman (1968 e 1988) e a explicação keynesiana de Bruno e Sachs (1985).

especialmente na Europa. E por fim, esse será um período de crescente desigualdade de renda. De fato, o único ponto em que os anos 80 lembrarão os anos dourados será o da ausência das altas taxas de inflação (Krugman, 1982).

#### Quadro 1

#### OCDE – Desempenho econômico – países selecionados, 1951 – 1973 <sup>4</sup>

Taxas médias de crescimen.	PIB			Desemprego			Inflação		
	51-73	74-82	83-91	51-73	74-82	83-91	51-73	74-82	83-91
Alemanha	6,0	1,7	3,1	2,3	3,54	7,39	2,7	5,0	2,0
Canadá	5,2	3,0	2,9	Nd	7,71	9,54	2,8	9,8	4,7
Est. Unidos	3,7	1,7	3,1	4,6	7,22	6,74	2,7	8,8	3,9
França	5,1	2,4	2,3	2,0	5,47	9,64	5,0	11,6	4,6
Itália	5,5	2,9	2,5	5,4	6,57	9,26	3,9	17,6	7,6
Inglaterra	3,0	0,8	2,7	2,8	5,29	8,98	4,6	14,7	5,7
Japão	9,7	3,6	4,2	Nd	2,01	2,51	5,2	8,0	1,8
Sete Grandes	5,5	2,1	3,2	Nd	5,38	6,68	3,8	9,7	3,8
Austrália	4,7	2,4	3,0	Nd	5,47	8,18	4,6	11,9	7,2
Áustria	5,4	2,4	2,7	2,6	1,80	4,47	4,6	6,3	2,9
Bélgica	4,1	2,0	2,2	2,8	7,18	11,16	2,9	8,1	3,6
Dinamarca	4,0	1,4	2,1	2,6	6,53	9,19	4,8	10,9	4,4
Espanha	Nd	1,8	3,4	Nd	8,30	19,00	nd	17,2	7,8
Finlândia	4,9	2,7	2,1	1,7	4,67	5,02	5,6	12,3	5,6
Holanda	4,8	1,7	2,9	2,1	4,18	8,16	4,1	6,9	1,7
Noruega	4,0	3,9	3,0	1,9	1,88	3,57	4,8	9,7	6,1
N. Zelândia	Nd	1,2	1,5	Nd	1,59	5,80	nd	14,0	8,6
Suécia	3,8	1,4	2,0	1,8	1,96	2,43	4,7	10,4	7,3
Suíça	4,5	0,4	2,1	0,0	0,31	0,76	3,0	4,4	3,1
Un. Européia	4,6	2,0	2,7	2,3	5,49	9,61	4,2	11,8	5,2
OCDE	4,9	2,2	3,2	Nd	5,68	7,02	4,1	11,0	7,7

Fontes: Para o período de 1950-73, Maddison (1982:45,133,210); para os períodos subsequentes, *OECD Economic Outlook*, vários números. Obs.: Os valores referentes aos Sete Grandes, União Européia e OCDE, para o período de 1951-73, são médias aritméticas simples dos respectivos dados acima; o crescimento da produtividade consiste na variação do PIB real por trabalhador empregado; e a inflação consiste na variação do nível de preços ao consumidor, sendo que, pela indisponibilidade desse índice no subperíodo de 1974-77, substituiu-se o mesmo pelo deflator de consumo privado.

Uma explicação possível para essa inusitada dinâmica dos anos 80 era certamente a elevação das taxas de juros de longo prazo nos principais centros financeiros do mundo. Ocorre que estas, elevadas radicalmente pelas políticas monetaristas dos anos 70, embora caindo nos anos 80, não caíram tanto quanto a inflação. Dessa maneira, em termos reais, elas mantiveram-se relativamente elevadas. Assim, numa análise tipicamente keynesiana, podia-se argumentar que a elevação dos juros não permitia um crescimento acelerado dos investimentos, impedindo

<sup>4</sup> Os países da OCDE apresentados são os mesmos selecionados por Maddison (1982), acrescidos da Espanha e da Nova Zelândia. A periodicidade adotada teve por objetivo separar os anos 80 tanto dos críticos anos 70 e seus desdobramentos como dos anos 90, cujas particularidades abordaremos a seguir.

expansões do PIB superiores às taxas de crescimento da produtividade, o que levava a expansão de desemprego e a uma maior desigualdade de renda.

Essa explicação era bastante discutível, afinal, abatida a inflação os juros reais não eram tão elevados. Mas essa era praticamente a única explicação disponível e, com base nela, dado que a inflação havia caído, podia-se tentar reacelerar o crescimento reduzindo os juros e assim se fez. De fato, o período que se estende de 1994 até os primórdios de 2007 foi marcado em todo o mundo desenvolvido por taxas de juros muito baixas.<sup>5</sup> E de fato, também, esse foi um período marcado por elevadas taxas de crescimento, baixa inflação e redução dos níveis de desemprego. Como observou a revista *The Economist* em fins de 2006:

Depois de crescer a taxas anuais *per-capita* de 3,2%, desde 2000, a economia mundial está a mais de meio caminho rumo à marca de melhor década de todos os tempos. Se continuar avançando no mesmo ritmo o decênio em curso superará os anos idílicos de 1950 e 1960. O capitalismo de mercado, a máquina traciona boa parte da economia mundial, parece estar funcionando bem.<sup>6</sup>

Como se sabe, esses anos no entorno da virada do milênio não foram marcados apenas por dinâmicas virtuosas. Além da crescente desigualdade de renda, que se manteve, esse foi um também um período caracterizado por várias crises como as, da dívida do México de 1994, dos tigres Asiáticos de 1997-98, da dívida da Rússia de 1998-99, do estouro da NASDAQ de 2000-01 – a bolsa das ações de alta tecnologia –, do ataque as Torres do World Trade Center em 2001 e as consequentes guerras do Afeganistão e do Iraque. Mas mesmo com todas essas crises, a economia do mundo desenvolvido manteve sempre elevada a sua dinâmica de crescimento. As crises vinham e, com interrupções relativamente pequenas, onde as taxas de juros eram reduzidas ainda mais, rapidamente eram superadas.

Os anos do entorno da virada do milênio foram também marcados pela criação da União Européia. Instituída através do Tratado de Maastricht, assinado em 1992, que cria o Euro, que passa a vigorar como moeda comum a partir de 1999, a União Européia, aprofunda o já desenvolvido Mercado Comum Europeu, possibilitando o livre transito de capitais e cidadãos por todo o continente. Esse imenso passo de integração política e econômica, não só reduziu os custos de transação como gerou uma grande sensação de segurança para investimentos e empréstimos inter-economias a juros muito baixos, transformando, da noite para o dia, os países mais atrasados da região em prósperas fronteiras de crescimento.

---

<sup>5</sup> Na análise desenvolvida a seguir, salvo referência em contrário, segue-se sempre Greenspan (2008).

<sup>6</sup> Citado em Greenspan (2008:14).

Todo esse dinamismo dos países desenvolvidos se refletiu, como seria de se esperar, nos países periféricos, levando ao surgimento dos países emergentes, onde se destacaram os ditos BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Os BRICS são todos países periféricos de grande extensão territorial, e que se destacaram no período em questão por um crescimento – em alguns casos muito elevados – direta ou indiretamente derivado da exportação crescente de matérias primas e ou produtos baseados em mão de obra barata, para os países desenvolvidos.<sup>7</sup>

Como se observa, os anos da virada do milênio, ainda que não alcançando todo o brilho da Era Dourada do pós guerra, conformam um período de grande dinamismo econômico em todo o mundo. Havia sem dúvida graves problemas geopolíticos, a desigualdade de renda era crescente, mas o mundo parecia ter resolvido o problema do emprego na medida em que a grande maioria dos países crescia a taxas expressivas.<sup>8</sup> O crescimento era tanto que a questão ambiental acabava se transformando no grande problema. Ou seja, o problema já não era como crescer ou manter o crescimento, mas sim como assegurar um crescimento sustentável, capaz de evitar ou reverter o chamado aquecimento global. Infelizmente, porém, muito antes de alcançar a sustentabilidade, o crescimento se esvaiu.

## **2. O Surpreendente Estouro do Dinamismo**

Até 2007 tudo ia bem. Havia problemas, é claro. Algumas famílias endividadadas estavam sendo despejadas por que não pagavam suas hipotecas, mas nisso não se via nada de anormal. Mas então, com a virada para 2008, os problemas começaram a se avolumar muito rapidamente. Descobriu-se que o maravilhoso crescimento de todos esses anos estava por demais baseado no setor imobiliário, e que este, financiado por dinheiro barato, possuía dinâmicas nitidamente especulativas. Como observa Stiglitz em relação ao caso americano:

A economia estava distorcida: entre dois terços e três quartos de toda a economia (do PIB) se relacionavam a atividade imobiliária, da construção de casas novas, ou da compra de móveis e equipamentos para estas, ou dos empréstimos que tinham as próprias casas como garantia e que se destinavam a financiar o consumo. Isso era insustentável (2010:37).

---

<sup>7</sup> O termo BRICS, que hoje denomina a organização entre os países citados, surgiu como um acrônimo (originalmente sem o S de *South África*) cunhado pelo economista Jim O'Neil, da Goldman Sachs, em estudo de 2001 intitulado “*Building Better Global Economic BRICs*”. No mesmo, ele formula o cenário, não adotado no presente projeto, de que, com a globalização, os BRICS conformariam as novas potências econômicas mundiais.

<sup>8</sup> Para uma análise aprofundada da crescente desigualdade de renda no período ver Krugman (2012) e Stiglitz (2012).

As famílias não compravam imóveis apenas porque necessitavam, mas sim por que o preço dos mesmos eram crescentes. Crescentes a uma taxa mais alta do que a dos juros praticados nos diversos mercados mundiais. Assim, nada mais lógico do que se endividar e expandir o patrimônio imobiliário pessoal.<sup>9</sup> Alimentando todo esse processo, estavam as hipotecas *subprimes* que forneciam recursos para todo um mercado de famílias sem renda nem patrimônio comprovado. Mas não era só o mercado imobiliário e financeiro que crescia com a essa dinâmica. Como o preço dos imóveis era crescente, gerava-se um fabuloso efeito riqueza que possibilitava novos financiamentos, e a expansão do consumo em toda a economia. Como constatou pouco antes o do estouro da crise Alan Greenspan, presidente do FED ao longo de praticamente todo o período dos Anos Dinâmicos:

O declínio das taxas de juros reais de longo prazo (...) durante as ultimas duas décadas se associa ao aumento dos índices preço/lucro das ações, dos imóveis e, na verdade, de todos os ativos geradores de renda. O valor de mercado dos ativos em todo o mundo, entre 1985 e 2006, em consequência, subiu com maior rapidez que o PIB mundial [...]. Essa situação gerou grande aumento da liquidez mundial. O preço das ações e dos bônus, das moradias, dos imóveis comerciais, das obras de arte e de quase tudo o mais acompanhou o surto de prosperidade. Donos de imóveis em muitos países desenvolvidos aproveitaram o valor crescente da parcela quitada da casa própria para financiar compras além da capacidade aquisitiva gerada por suas fontes de renda. O crescimento do consumo doméstico, sobretudo nos Estados Unidos, absorveu boa parte do surto de exportações oriundas do mundo em desenvolvimento, em rápida expansão (2008:13-4).

Como se observa, por traz do que estamos chamando de Anos Dinâmicos estava a formação de uma imensa bolha financeira-imobiliária, dinamizando tudo em todo o mundo, e, como toda bolha, um dia teria de chegar ao fim. O fim começou em 2007 no mercado americano, quando as famílias de menor renda, justamente aquelas que entraram por último na dinâmica especulativa, começaram a apresentar dificuldades em pagar suas hipotecas (Harvey, 2010). No começo, como sempre acontece, o problema não parecia grave. Afinal, no capitalismo, nada mais “natural” do que famílias de menor renda não conseguirem pagar suas hipotecas. Mas com isso, grandes operadores pararam de comprar e financiar novas hipotecas, desacelerando o mercado e gerando crescentes dificuldades para as instituições financeiras mais alavancadas.<sup>10</sup>

Ao longo de 2008 a crise só fez se agravar, levando a que o Governo Americano tivesse financiar a compra do *Bears Stearns* (quinto maior banco de investimentos dos EUA) pelo JP Morgan, e literalmente estatizar a *Fannie Mae* e a *Freddie Mac*, as duas grandes líderes do

---

<sup>9</sup> O primeiro a chamar atenção para esse tipo dinâmica e, de certo modo prever a presente crise muitos anos atrás, foi o economista keynesiano, hoje super citado, Hyman Minsky (1982 e 2011).

<sup>10</sup> Na análise desenvolvida a seguir, salvo referência em contrário, segue-se sempre Roubini e Mihm (2010).

mercado secundário de hipotecas do país. Como se sabe a crise na pararia por aí. Em 15 de setembro, o *Lehman Brothers*, um dos principais bancos de investimento do mundo, após sucessivos prejuízos com o mercado de *subprimes*, e sem ajuda do Governo Americano, que vinha sendo criticado pelas intervenções anteriores, veio a pedir concordata, detonando quedas generalizadas nos mercados em todo o mundo.

Percebendo os trágicos efeitos de simplesmente deixar o *Lehman Brothers* quebrar, o Governo, americano rapidamente voltou a uma posição ativa, não só impedindo que novos bancos e grandes empresas viessem a quebrar, como também expandindo o gasto público de diversas maneiras para impedir que a economia entrasse em queda livre. Com isso a economia americana se estabilizou num nível mais baixo e, nas primeiras semanas que se sucederam a quebra do *Lehman*, parecia que a crise se restringiria aos mercados imobiliários americanos. Tal, entretanto, não foi o que aconteceu.

Além de vários bancos não americanos possuírem, direta e indiretamente, os chamados ativos tóxicos derivados dos *subprimes*, a bolha imobiliária gerada pelos juros baixos não era um fenômeno exclusivamente americano. Nesse sentido, ao longo de 2009, com os problemas que vieram a ser explicitados, sobretudo na Europa, ficou claro que a crise não era apenas americana, era global. Como se sabe, a resposta que veio a ser dada foi também global. Como observam Roubini e Mihm:

Quando a crise se agravou, cortaram as taxas de juros e no fim de 2008 e 2009 o Federal Reserve, o Bank of England, o Banco do Japão, o Banco nacional Suíço, o Banco de Israel, Banco do Canadá e até o Banco Central Europeu baixaram as taxas de juros até perto de zero. Comparada com crises financeiras anteriores, a política monetária foi notavelmente rápida e razoavelmente coordenada.” (2010:162-3).

As ações coordenadas dos organismos financeiros internacionais, como o FMI, e os vários governos e bancos centrais dos países membros do G7, e também do G20, foram de fato eficazes para estancar a agudização da crise. Todo o dinheiro gasto para prover liquidez, sanear os principais bancos e as finanças dos países mais endividados, garantiram o crédito para que o comércio internacional não travasse, e assim, mesmo com os recorrentes problemas críticos das economias europeias mais debilitadas, ao menos até o momento, evitou-se o desenrolar de uma grande depressão, similar a ocorrida nos anos 30. Mas se a depressão foi evitada, o crescimento, crescimento robusto gerador de empregos, não foi de modo algum retomado.

### 3. A Fragilidade do Diagnóstico da Bolha

No auge da crise, em novembro de 2008, a Rainha da Inglaterra, Elizabeth II, fez uma incômoda pergunta aos economistas da *London School of Economics*. “como não tinham visto a atual crise chegar?” A resposta, após seis meses, foi a de que não havia sido possível perceber o que chamavam de “riscos sistêmicos” (Harvey, 2011:8). A resposta dos economistas britânicos não foi muito distinta da dos economistas e políticos americanos. Como diria Dick Cheney, vice presidente da administração Bush filho, em janeiro de 2009, “ninguém, em lugar algum foi suficientemente atento para percebê-la”. A idéia era de que, como um ataque terrorista, era algo “quase impossível de se prever” (Roubini e Mihm, 2010:9).

De fato, a maioria dos economistas, e mesmo presidentes de Bancos Centrais, percebiam que havia bolhas especulativas no mercado, mas eles achavam que isso era algo pontual e, até certo ponto, passível de administração como fez Allan Greenspan, presidente do FED americano, ao longo de toda a sua gestão. Não se, percebia, porém, os riscos sistêmicos que conectavam todos os segmentos e que, numa crise, jogariam abaixo todos os mercados globais. Naturalmente, haviam também economistas que percebiam os graves riscos sistêmicos, alertavam para a iminente explosão de uma grande bolha, mas estes falavam ao vento como toda Cassandra.

Com a explosão da bolha financeira-imobiliária, e toda a crise decorrente, os economistas Cassandra, e dentre estes destaca-se Nouriel Roubini, ganharam, como seria de se esperar, grande proeminência. Em linhas gerais, na visão destes economistas e, sobretudo, na de Roubini, a crise é um produto direto da grande bolha especulativa, a qual por sua vez, decorre não apenas do dinheiro barato fornecido pelos Bancos Centrais ao longo dos Anos Dinâmicos, mais também da excessiva desregulamentação dos mercados financeiros globais. Nesse sentido, numa visão que se tornou dominante, para se evitar novas crises, seria necessário desenvolver toda uma nova regulamentação dos mercados, o que relativamente se fez e continua se fazendo.

Importante observar que Roubini não propõe exatamente uma estratégia para se superar a crise, ou seja, para se retomar o crescimento, mas sim para se evitar o surgimento de novas crises. Nesse sentido, em seu famoso livro, “A Economia das Crises”, escrito em conjunto com Stephen Mihm, ainda que de modo não explícito, se entende que a economia, desde que equilibrada, cresce sozinha (2010). Assim, vencida a crise, às custas de um grande gasto público,



é preciso buscar o equilíbrio das finanças, reduzindo a dívida e déficit público. Em tese, com o equilíbrio, retoma-se a confiança dos investidores, e, portanto, o crescimento.<sup>11</sup>

A busca do equilíbrio, como se sabe vem sendo tentada, sobretudo nos países mais debilitados da União Européia. Pressionados, pelos interesses da Alemanha, grande credor do sistema, esses países, encurralados pelas restrições da moeda única – o Euro que eles não controlam –, para girarem suas dívidas são forçados, acreditando ou não na estratégia, a buscarem o equilíbrio através de sucessivos cortes draconianos em seus gastos públicos. Claro, cortar gasto público em meio à crise não leva nunca ao equilíbrio, e muito menos a retomada do crescimento. Como a demanda agregada é baixa, dada a crise, o que cresce com essa estratégia é apenas o desemprego. Assim, não surpreende que Espanha e Grécia já possuam taxas de desemprego superiores a 25% da PEA, e a média dos países da chamada Zona do Euro já ultrapasse a marca de 11,5 %.<sup>12</sup>

Alternativamente a busca do equilíbrio para superação da crise encontram-se as estratégias ditas keynesianas, que partem justamente da crítica a essa primeira abordagem. De fato, não há como se buscar equilíbrio fiscal numa economia em crise. Como se verifica em várias das economias européias, se se corta o gasto público numa economia em crise o desequilíbrio aumenta. Assim, para os keynesianos, conforme apreendido na depressão de 30, para se sair da crise é preciso aumentar o gasto público, mesmo que a custos de déficits e dívida pública crescentes.<sup>13</sup> Esse processo acaba se fazendo também através de expansões expressivas da base monetária, o que amplia a competitividade do país através de desvalorizações da taxa de câmbio.

Estratégias desse tipo vem sendo adotadas pelos Estados Unidos e, mais recentemente, também pelo Japão, engendrando, porém, baixas taxas de crescimento, com baixos impactos no nível de emprego, impactos esses que são também bastante discutíveis. Ocorre que, muitas vezes, a ampliação do nível de emprego se processa através da troca de empregos de tempo integral, por um número pouco maior de empregos de tempo parcial. Para os keynesianos, a exemplo do Prêmio Nobel Paul Krugman, esse baixo desempenho decorre de um aumento insuficiente do gasto público (2012). Esse é um argumento discutível na medida em que, os

---

<sup>11</sup> Importante ressaltar que, Roubini e Mihm propõem a busca do equilíbrio apenas após o que poderíamos chamar de estancamento da crise aguda. De outro lado, a visão do equilíbrio para eles é algo bem mais amplo e sistêmico, envolvendo a redução paralela dos superávits de economias como as da China, Alemanha e Japão (2010:272-7).

<sup>12</sup> Dados referentes a 2013, divulgados pelo Eurostat, principal organismo estatístico da União Européia

<sup>13</sup> Na presente análise estamos optando por não diferenciar particularidades das abordagens keynesianas e neo-keynesianas.

déficits americanos tem sido expressivos e crescentes – e não poderão crescer para sempre. De outro lado, qual seria o gasto público necessário para recolocar a economia global em crescimento? Krugman não responde a essa pergunta.

#### **4. A Enigmática Hipótese da Estagnação Secular**

Embora não houvesse um consenso quanto a estratégia para superação da crise, e até o momento as duas linhas tentadas venham fracassando na retomada de um crescimento robusto, até recentemente todo o *mainstream* estava de acordo com a visão proposta por economistas como Nouriel Roubini quanto a origem da crise. Segundo a mesma, a crise surgiu de um complexo de bolhas especulativas, sobretudo nos mercados imobiliários, geradas pela desregulamentação dos mercados financeiros em várias partes do mundo.

Esse diagnóstico sem dúvida parece perfeito. Ele esquece, porém, que antes do estouro as bolhas faziam com que a economia funcionasse relativamente bem. E, agora, com as novas regulamentações engendradas pela crise, mesmo nos países que seguem estímulos monetários e fiscais keynesianos, ela funciona muito mal. Isso é um indício de que talvez estejamos vivendo uma economia que, ao contrário do que ocorria nos Anos Dourados, não funciona sem bolhas. Ou seja, as bolhas quando estouram provocam a crise, mas sem bolhas não se supera a crise.

A maneira como as bolhas mobilizam as economias é bastante conhecida. Elas inflam o objeto da especulação e, via efeito riqueza, dinamizam todo o restante da economia. Quando elas estouram, naturalmente, todo esse potencial se esvai, mas, uma vez estancada a crise, as economias deveriam voltar a crescer e isso não vem acontecendo. Como constata o próprio Roubini em relação a economia americana:

“em 2010, a taxa de desemprego nos Estados Unidos chegou a 10% (uma estatística mais abrangente, que inclui trabalhadores em meio expediente ou desmotivados ultrapassou 17%). Muitos postos de trabalho no mercado imobiliário, na indústria, na construção civil e no setor financeiro desapareceram para sempre.” (Roubini e Mihm, p.299, 2010).

Como se observa, impedindo a especulação imobiliária fica difícil reativar a economia de maneira robusta. E de fato, como visto anteriormente, os Anos Dinâmicos foram cheios de crises e bolhas e, não por acaso Allan Greenspan os chamará, em sua auto biografia, de A Era da Turbulência (2008). Mas por que isso acontece agora? Por que, justamente ao contrário dos Anos Dourados, o crescimento recente foi tão cheio de bolhas, e quando se consegue evitá-las se estanca o crescimento?

Constatando a demora da retomada do crescimento, antes só estudada por economistas heterodoxos, também o *mainstream* passou a se preocupar com a busca de outras explicações para crise. É nesse contexto que se coloca a hipótese de retorno da chamada Estagnação Secular, defendida por Larry Summers, ao final de 2013, em palestra proferida no FMI.<sup>14</sup> Originalmente, a idéia da Estagnação Secular, formulada ao final da Segunda Guerra quando se receava um retorno a depressão, é de que as economias capitalistas não podem apresentar um forte crescimento gerador de empregos sem o auxílio de políticas não convencionais, ou seja sem o auxílio de estímulos governamentais.<sup>15</sup>

Summers coloca essa hipótese não só pelo fato da demora na retomada do crescimento, mas também pela constatação de que o dinheiro fácil, existente durante o processo de expansão da bolha, gerou um crescimento apenas moderado, sem se desdobrar em nenhuma pressão inflacionária. Nesse sentido, e levando em conta também o processo vivido pelo Japão desde o final anos 80, Summers argumenta que, nas ultimas décadas, vivemos numa clássica Estagnação Secular, da qual só nos afastamos durante os processos de formação de bolhas.

E por que isso acontece? Embora apresentando alguns insights, como a redução do consumo pelo aumento da participação da renda dos mais ricos, ou seja em consequência da crescente desigualdade da renda, e também pela deflação dos bens duráveis e de capital, o que levaria a uma postergação de gastos, Summers não chega a nenhuma resposta efetiva, e nem explica os seus insights. A tese de Summers será entusiasticamente corroborada por Krugman (2013). Ao analisá-la, porém, também se limita a formulação de insights, como a redução do crescimento populacional e os sistemáticos déficits comerciais vivenciados pelos EUA, sem conceber nenhuma explicação efetiva.

Sem dúvida, com a hipótese da Estagnação Secular o *mainstream* supera a fragilidade de atribuir a crise à bolha e seu estouro, mas não explica o porque da estagnação, ou seja da crise. E o que dizem os heterodoxos, que percebem a estagnação há muito mais tempo? Infelizmente também não vão muito além. De uma maneira geral, argumentando que o mundo desenvolvido vive um baixo crescimento desde o final dos anos 70, esses economistas irão culpar a ascensão

---

<sup>14</sup> A palestra é acessível no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=KYpVzBbQIX0>, e os principais pontos da mesma encontram-se relatados em artigo do próprio Summers, publicado no *Financial Times* de 15 de dezembro de 2013.

<sup>15</sup> A tese da Estagnação Secular foi proposta, entre outros, por Alvin Hansen em *The Postwar Economy* (1943).

política do neoliberalismo e a conseqüente financeirização da economia.<sup>16</sup> Mas por que isso acontece, e acontece justamente ao final dos anos 70 / começo dos 80? Isso não é explicado.

## **5. Abrindo a Caixa Preta da Estagnação / Crescimento**

Como se observa, inúmeros economistas, sejam eles heterodoxos ou do *mainstream*, admitem hoje que a média da economia dos países centrais vive num estado persistente estagnação, onde os episódios de pleno emprego ocorrem apenas esporadicamente, engendrados quase sempre pela formação de bolhas especulativas. Para alguns, isso vem ocorrendo desde anos 80 quando, na ausência de bolhas, tinha-se claramente o fenômeno do *jobless growth*, ou seja, do baixo crescimento gerador de desemprego e desigualdade de renda crescentes. Mas por que isso acontece, e acontece justamente a partir dos anos 80? Essa é pergunta chave para a qual ainda não se tem uma resposta plena.

Importante perceber que responder essa pergunta exige que se explique também por que até os anos 70 vivia-se um dinâmico crescimento gerador de muitos empregos. Afinal, o *jobless growth* da suposta Estagnação Secular, que hoje vivemos, ocorre exatamente com a ausência do dinamismo, não só dos Anos Dourados como de todo o longo processo de desenvolvimento que os antecede. Ou seja, por alguma razão, é o fim do crescimento em geral, que se processa com anos 70, que implica na estagnação que se estabelece a partir dos anos 80.

Os anos 70, como visto, foram um período marcado por choques do petróleo geradores de inflação e choque de juros. Tudo isso estancou o crescimento, mas nos anos 80 a inflação e todos esses choques já se haviam ido e o crescimento gerador de empregos não retomou. Para entender esse comportamento inusitado é preciso, naturalmente, analisar os processos mais relevantes, iniciados nessa mesma época. E o mais relevante de todos, como se sabe, foi o início da acelerada difusão da Tecnologia da Informação, a chamada TI.

De fato, ainda que os primeiros computadores surjam nos anos 40, é só a partir dos 70, graças a microeletrônica, que eles se difundiram aceleradamente. A microeletrônica levou aos microprocessadores que não se destinarão apenas a computadores empresariais e domésticos. Como circuitos integrados diminutos, eles promoverão um intenso processo de automação e

---

<sup>16</sup> Para uma abordagem geral da visão dos economistas heterodoxos ver, dentre outros, Thomas Palley em: *Explaining Stagnation: Why it Matters*, fevereiro de 2014, no endereço: <http://www.thomaspalley.com/>

flexibilização dos sistemas produtivos. O mesmo, paralelamente, acontecerá com uma série de sistemas de comunicação e estruturas administrativas. Dessa maneira, através dos microprocessadores, a TI acaba se difundindo por quase toda a economia e sociedade, configurando, na prática, uma nova “revolução industrial” (Freeman, Clark e Soete, 1982:119).

Essa simultaneidade e o imenso espraio alcançado pela TI não deixam dúvidas de que deve ser ela a grande responsável, não só pelo fim do crescimento acelerado vigente até os anos 70, como também pela estagnação pós 80. Mas como e por que isso acontece? Por que a TI, ao contrário da mecânica a vapor, paradigma da primeira revolução industrial, e da eletromecânica, principal paradigma da segunda, não gera crescimento acelerado mas sim estagnação e crise? E tudo isso considerando que, em termos microeconômicos, a TI é comprovadamente uma forte geradora de ganhos de produtividade.

Uma vez que os modelos de crescimento do *mainstream* partem sempre da taxa de crescimento da produtividade (mesmo que endogenamente determinada), para responder as perguntas acima temos de resgatar as análises originais propostas por Schumpeter, o grande teórico do progresso técnico. Em linhas gerais, Schumpeter entende o crescimento como um processo que se dá em ciclos, onde cada ciclo se desenvolve através de duas ondas. Uma onda primária, na qual investimentos inovadores lançam no mercado novos produtos e processos, e uma secundária, gerada por investimentos derivados voltados para atender a demanda agregada em expansão. A onda secundária, expandindo-se interativamente por toda a economia, é naturalmente mais ampla que a primária, gerando o grosso do produto e dos empregos de cada ciclo.<sup>17</sup>

Em linhas gerais, pode-se argumentar que os investimentos da primeira onda constituem-se em investimentos schumpeterianos puros. Ou seja, investimentos que não necessitam de expansão da demanda agregada para se realizarem. Sendo empreendimentos de inovações, eles tem a sua demanda garantida, nem que para isso venham deslocar parcelas de mercados de empresas já estabelecidas. De outro lado, os investimentos da onda secundária são investimentos keynesianos puros. Ou seja, investimentos tradicionais, não inovadores, que só se justificam a

---

<sup>17</sup> Na presente análise, partimos de uma síntese geral do modelo teórico formulado por Shumpeter em suas três principais obra sobre o temas: Teoria do Desenvolvimento Econômico (1982), Business Cycles (1939), e Capitalismo, Socialismo e Democracia (1984).

partir da expansão da demanda agregada. Assim, a onda secundária só acontece a partir da demanda derivada da primeira.<sup>18</sup>

Historicamente, a estilização das duas ondas adere perfeitamente a realidade dos ciclos de desenvolvimento da mecânica – das máquinas a vapor – e da eletromecânica – da energia elétrica, dos motores de combustão interna e também da indústria química. Em ambos, investimentos fortemente inovadores, engendraram processos de expansão da demanda agregada e investimentos derivados, que levaram a forte geração de empregos e ao desenvolvimento integrado e prolongado das economias centrais. A mesma aderência, no entanto, não se constata no ciclo de desenvolvimento e difusão da TI. Ou seja, nos termos da estilização schumpeteriana, a TI, embora gerando ondas primárias não tem se mostrado capaz de engendrar ondas secundárias, difusoras do crescimento por toda a economia.

Schumpeter nunca se preocupou com esse problema. Como ao longo de sua vida o surgimento de um novo paradigma sempre havia levado ao desenvolvimento agregado de toda a economia, a interrelação entre as duas ondas sempre foi tomada como um fato. Algo que simplesmente ocorria e não precisava ser explicado. A incapacidade da TI em gerar ondas secundárias, nesse sentido, coloca a necessidade de se explicar a interrelação entre as duas ondas, não só na TI, como também nos paradigmas anteriores.<sup>19</sup>

Naturalmente, para se explicar esse comportamento dispare é preciso entender as características e dinâmicas intrínsecas ao processo inovativo de cada paradigma.<sup>20</sup> Iniciando pela mecânica, observa-se que esta materializando-se, além da máquina a vapor, num conjunto de ferramentas, alavancas, placas, eixos, polias, correias, engrenagens, molas, dutos, válvulas, etc., constitui um paradigma bastante duro. Assim, com a mecanização, o trabalhador não desaparece. Apenas deixa de trabalhar diretamente sobre a matéria-prima, para transformar-se num

---

<sup>18</sup> Na análise dos ciclos longos, schumpeter abandona a percepção das duas ondas. Em certa medida, isso decorre da realidade empírica, onde quase não existem tipos puros investimento. De fato, independente do paradigma, na grande maioria dos casos, tem-se na verdade investimentos com estruturas produtivas híbridas. Essa realidade, entretanto, não nega a validade da estilização das duas ondas. Afinal, é sempre possível entender o desenvolvimento como um processo de *destruição criativa*, que se inicia com investimentos fortemente inovadores, e se desdobra com investimentos, menos inovadores, que aproveitam a expansão da demanda agregada

<sup>19</sup> Esse desafio foi, ate certo ponto, enfrentado por economistas neo-shumpeterianos numa abordagem bastante distinta da que será aqui apresentada. Para uma visão dessa abordagem, dentre outros: Freeman e Perez (1988) e Perez (2002).

<sup>20</sup> O conceito de paradigma tecnológico, aqui utilizado, é o mesmo dos neo-shumpeterianos, proposto por Dosi (1982).

controlador de máquinas. Em função dessa característica, a busca por ganhos de produtividade, via mecanização, implica sempre na busca por economias de controle.

De modo geral, a busca de economias de controle se processa através da redução da necessidade do próprio controle. Em termos absolutos, a redução consiste basicamente no desenvolvimento de máquinas e equipamentos menos universais e mais dedicados a uma só função. Em outras palavras, promove-se uma redução nos graus de liberdade dos equipamentos, que se tornam gradativamente mais rígidos e automatizados. Tem-se, assim, à conhecida automação rígida, em que se associa uma redução do trabalho necessário a uma perda de flexibilidade das máquinas, bem como dos sistemas produtivos como um todo.

A redução dos controles, todavia, não ocorre apenas em termos absolutos. Na prática, ela se processa também em termos relativos, empreendendo uma trajetória de exploração de escalas crescentes. Ou seja, simultaneamente à redução dos controles em termos absolutos, busca-se a redução da importância relativa dos mesmos, mediante o desenvolvimento de máquinas e equipamentos cada vez maiores. Com máquinas maiores, amplia-se a produtividade dos operadores e, logo, a produtividade geral de todo o sistema.

Sumarizando, em função das economias de controle, os ganhos de eficiência e produtividade promovidos pela mecanização associam sempre escalas crescentes a uma rigidez também crescente. Essas características, deve-se ter claro, não se restringem às indústrias de transformação mecânica. Por decorrerem de aspectos intrínsecos ao paradigma mecânico, elas são características do próprio processo de mecanização. Assim, seja qual for o setor ou indústria em que a mecanização avance, têm-se inevitavelmente escalas indivisíveis crescentes, associadas à perda de flexibilidade das mesmas.

No paradigma eletromecânico, a associação entre ganhos de produtividade e escalas e rigidezes crescentes, embora não tão explícita, é também patente. Ocorre que, por ser uma tecnologia mais flexível, graças à flexibilidade da eletricidade, a eletromecânica possibilita o avanço da mecanização até as operações de montagem. Neste processo, tem-se o desenvolvimento das linhas de montagem, onde a evolução com base na exploração de escalas e rigidezes crescentes é retomado com toda a força. As linhas de montagem, por sua vez, articulando grandes complexos produtivos, espalham a dinâmica de escalas crescentes por toda a economia.

Com essas características, a linha de montagem, assim como a mecanização a vapor, só permite ganhos expressivos de produtividade com a implementação de vultosos investimentos. Dada as rigidezes das máquinas, não existe espaço para o desenvolvimento gradual a baixo custo. No limite, é preciso, e mais viável, substituir as linhas por inteiro, construindo complexos totalmente novos, com máquinas mais modernas e maiores. Paralelamente, também as inovações de produto, salvo as de natureza cosmética, ficam bastante dificultadas. Tratando-se de máquinas dedicadas, cada linha de montagem só tem capacidade para a produção de um produto único, com, no máximo, um pequeno leque de opções. Assim, o desenvolvimento e a introdução de novos produtos, tanto na mecânica quanto na eletromecânica, exige, também, investimentos vultosos em novas estruturas produtivas.

Como se observa, a introdução de inovações na mecânica e na eletromecânica exigem sempre investimentos vultosos. Note-se que isso é verdade tanto na introdução de novos produtos e processos quanto na mera busca de ganhos de produtividade. Grosso modo, na mecânica e na eletromecânica, para uma planta B ser mais produtiva que uma A, B necessariamente será maior que A. Nesse sentido, na busca de super lucros, empresários e empresas inovadoras geram naturalmente um vigoroso e crescente fluxo de investimentos, expandindo a demanda agregada de toda a economia, o que leva a crescentes ondas secundárias de investimentos derivados.<sup>21</sup> Importante acrescentar que, nesse processo, localidades, e muitas vezes cidades inteiras, serão destruídas, construídas e ou reconstruídas, para darem lugar as novas plantas de escalas crescentes. Tem-se assim, em todos os sentidos, a conhecida dinâmica da ***destruição criativa*** geradora de inúmeros empregos.

Analisando-se agora o processo inovativo no atual paradigma da TI, observa-se que este, apresenta características e dinâmicas bastante distintas. Surgindo na eletromecânica, os sistemas baseados em TI chegaram a seguir a mesma trajetória das escalas crescentes. De fato, os primeiros computadores, baseados em relés, e mesmo os baseados em válvulas, associavam a expansão da capacidade de cálculo a equipamentos de volumes e custos crescentes. Essa trajetória, contudo, foi completamente revertida com o advento do transistor.

Compactando as válvulas, os transistores iniciam a pujante trajetória da miniaturização. Essa trajetória, que leva a microeletrônica dos circuitos integrados, decorre, em última instância, da própria natureza de seu “objeto” de trabalho – a energia para fins de informação. Ocorre que, lidando com a energia apenas para fins de informação, quanto menores as distâncias, menor é a

---

<sup>21</sup> O conceito de empresário aqui utilizado é sempre o do empresário inovador shumpeteriano.



energia requerida e maior é a velocidade de processamento obtida. Assim, na microeletrônica, ao contrário da mecânica e da eletromecânica, quanto menor, melhor.<sup>22</sup>

De fato, com a microeletrônica, os circuitos integrados foram sistematicamente reduzidos até transformarem-se em *chips* de silício incrivelmente minúsculos. Esses *chips*, praticamente dobraram de capacidade de processamento a cada ano e meio<sup>23</sup> e, com a fabricação em escala industrial, transformaram-se em componentes muito baratos. Com esse processo, os *chips* tanto possibilitam os microcomputadores – que reconfiguram, por completo, a lógica e as funções do processamento digital – quanto viabilizam uma intensa dinâmica de flexibilização dos sistemas produtivos, substituindo a automação rígida da eletromecânica pela automação flexível do controle programável.

Com essas características e dinâmicas a TI, naturalmente, desassocia os ganhos de produtividade da exploração de escalas crescentes. Com custos de controle cada vez menores, e mesmo desprezíveis, os ganhos de produtividade podem ser obtidos com quase qualquer tamanho de equipamento. Essa maior liberdade no tamanho dos equipamentos se reflete, é claro, no tamanho econômico das plantas. Menores equipamentos possibilitam também menores plantas, sem que isso resulte em perdas de produtividade. Assim, na TI, para uma planta B ser mais produtiva que uma A, B pode ser maior, igual ou menor que A. De outro lado, por tratar-se de uma tecnologia que viabiliza a automação flexível – ou seja, uma automação que possibilita aos equipamentos realizarem automaticamente inúmeras ou mesmo infinitas funções – um mesmo equipamento pode ser utilizado para a produção de vários bens, inclusive aqueles que ainda vão ser projetados. Dessa maneira, as plantas concebidas no paradigma da TI podem, sem maiores custos, mudar freqüentemente a sua linha de produtos.<sup>24</sup>

Em síntese, com o desenvolvimento da TI, o harmonioso cenário onde o progresso técnico levava ao crescimento gerador de empregos desaparece. De fato, constituindo um paradigma tecnológico extremamente *soft*, a TI desassocia os ganhos de produtividade da exploração de escalas estanques crescentes. Simultaneamente, com a automação flexível, uma

---

<sup>22</sup> Conforme observa Gates, “o truque é reduzir o tamanho do conjunto de circuitos (...) e o fluxo de corrente de modo que os elétrons em movimento não batam em nada, inclusive um no outro” (1995:50).

<sup>23</sup> Essa dinâmica de crescimento é conhecida como lei de Moore, já que foi Gordon Moore, um dos fundadores da Intel, quem anteviu que a capacidade dos circuitos integrados dobraria anualmente (Gates, 1995:48).

<sup>24</sup> Como já observavam Piore e Sabel nos anos 80: “com a tecnologia convencional, a adaptação [do processo] é feita através de ajustamentos físicos no equipamento; sempre que o produto é mudado, a máquina especializada deve ser repostada. (...) Com a tecnologia computacional, o equipamento (o *hardware*) é adaptado à operação através do programa de computador (o *software*); desta forma o equipamento pode ser destinado a novos usos sem ajustamentos físicos – simplesmente por reprogramação” (1984:260).

mesma planta passa a poder fabricar vários tipos de produtos, o que significa que a busca dos super lucros, mesmo pela inovação de produtos, deixa de exigir investimentos pesados e crescentes. Sem investimentos crescentes nas ondas primárias, tem-se um processo, que poderíamos chamar de *destruição destrutiva*, onde as ondas secundárias se quer ocorrem, provocando as dinâmicas contemporâneas de estagnação e crise com desemprego crescente.

## 6. Conclusões

Com a análise desenvolvida consegue-se explicar, tanto o crescimento gerador de empregos que marca o desenvolvimento desde a primeira Revolução Industrial, quanto a estagnação e crise das décadas recentes. A validade dessa dupla explicação se sustenta, como visto, em termos histórico-tecnológicos. São as características da mecanização, e depois a eletromecanização, que fazem com que a busca por super lucros por parte dos empresários se desdobre em crescimento acelerado. Do mesmo modo, é a emergência da TI que, com características tecnológicas opostas, engendra uma dinâmica também oposta, na qual o crescimento acelerado não mais se sustenta, provocando estagnação e crise com desemprego crescente.

Como se observa, ao contrário das formulações originais de Shumpeter, bem como do que postulam praticamente todas as escolas econômicas, o progresso técnico nem sempre engendra o crescimento e desenvolvimento econômico. Ele pode engendrar também estagnação ou mesmo uma crise com desemprego crescente, como ocorre na atualidade. Mas se é o próprio progresso técnico que gera a crise, e a economia, movida por empresários em busca de super lucros, gera o progresso técnico, essa conclusão significa, também, que o que estamos vivendo é uma crise estrutural bastante séria. Uma crise que, ao conformar um processo de crescente desemprego, em tese, se expande sem convergir para nenhum equilíbrio.

O desemprego, no entanto, como visto, não tem crescido indefinidamente. Ocorre que, com o crescimento real, ou potencial, do desemprego, os trabalhadores perdem a capacidade de barganhar a incorporação dos ganhos de produtividade, e mesmo a manutenção dos salários reais. Dessa maneira, os rendimentos do capital, e também os salários e benefícios dos CEOs e altos executivos, se expandem na economia a uma taxa muito superior à das oportunidades de

investimentos reais.<sup>25</sup> Explica-se assim, o forte processo de concentração da renda, hoje vigente nos países centrais, onde os excedentes gerados, sem opções de investimentos reais, migram para a esfera financeira, hipertrofiando-a num dinâmico circuito especulativo, gerador de muitas bolhas, e também empregos e sub-empregos.

Nesse contexto, se é correta a análise aqui formulada, o mundo desenvolvido caminha hoje, não para a agudização de sua crise, mas sim para a sistemática degradação de sua sociedade. De fato, na medida em que desigualdade de renda avança, substituindo as estruturas baseadas em amplas classes médias por estruturas duais, a degradação e radicalização sócio-política torna-se inevitável.<sup>26</sup> Quanto tempo isso levará, e como terminará tudo isso são perguntas impossíveis de serem respondidas. As inúmeras barbáries existentes no mundo subdesenvolvido, porém, não deixam dúvidas de que todo esse processo ainda pode avançar por um longo tempo, e o seu resultado final não parece ser nada agradável. Mas será que esse é o único caminho? Certamente que não.

A crise em curso, como constatamos, não é uma crise do capitalismo enquanto fonte de progresso técnico. Este, para usar a expressão da primeira revolução industrial, continua a todo vapor, mesmo com a TI. O que está em crise é a sua dinâmica de crescimento, via investimentos, que, por ser muito baixa, gera o desemprego, impedindo que o mercado de trabalho funcione como um eficaz distribuidor dos ganhos de produtividade. Todavia, se o mercado já não é eficaz, nada impede que mecanismos extra-mercado possam sê-lo. Ou seja, ao menos em termos teóricos, nada impede que os ganhos de produtividade, concentrados pelos capitalistas e altos executivos, possam ser tributados e adequadamente distribuídos pela maioria da população.

Uma solução dessa natureza, que obviamente segue uma perspectiva social-democrata, não inviabiliza o capitalismo. De certa forma, até o potencializa, inviabilizando a hipertrofia financeira com a transformação do excedente gerado em consumo e investimento real. Essa solução, entretanto, deve-se ter claro, não consiste apenas na adoção de um instrumento redistributivo para a manutenção da ordem reinante. Em sendo adotada, ela implica que um número continuamente crescente de pessoas passe a viver completamente à parte do mercado de

---

<sup>25</sup> Não só os CEOs e altos executivos viram seus rendimentos aumentarem muito acima da média. Também os astros do cinema e televisão, bem como os grandes atletas, passaram a viver o mesmo processo. Sobre esse ponto ver Geenspan (2013: cap.11).

<sup>26</sup> Sobre esse ponto, ver a ampla análise desenvolvida por Stilitz em *El Precio de La Desigualdad* (2012).

trabalho formal. O resultado disso, vencido um árduo processo de aprendizagem da existência no tempo livre, será uma sociedade bem distinta da atual. Uma sociedade onde, conforme em 1930 já observava Keynes em *As possibilidades econômicas de nossos netos*:

[seremos] livres para voltar a alguns dos mais seguros e garantidos princípios da religião e da virtude tradicional – de que a avareza é um vício, a usura uma contravenção, o amor ao dinheiro algo detestável, e que aqueles que percorrem mais fielmente o caminho saudável da virtude e da sabedoria são os que menos pensam no amanhã. Valorizaremos novamente os fins acima dos meios, e preferiremos o bem ao útil. Honraremos os que puderem nos ensinar a passar virtuosamente e bem a hora e o dia, as pessoas agradáveis capazes de ter um prazer direto das coisas, os lírios do campo, que não mourejam nem fiam (1978:158).

## **Bibliografia**

- BRUNO, M. & SACHS, J.D. 1985: *Economics of Worldwide Stagflation*. Cambridge, MA, Harvard University Press.
- DOSI, G. 1982: "Technological Paradigms and Technological Trajectories: a suggested interpretation of the determinants and directions of technical change", *Research Policy*, nov.
- FREEMAN, C., CLARK, J. e SOETE, L. 1982: *Unemployment and Technical Innovation: a study of long waves and economic development*. Londres, Pinter Publishers.
- FREEMAN, C. e PEREZ, C. 1988: "Structural Crisis of Adjustment: business cycles and investment behaviour", em G. Dosi et al., *Technical Change and Economic Theory*. Londres, Pinter Publishers.
- FRIEDMAN, M. 1968: "The Role of Monetary Policy", *American Economic Review*, mar.
- \_\_\_\_\_. 1988: "Inflação e Desemprego: a novidade da dimensão política", em *Clássicos de Literatura Econômica*. Rio de Janeiro, IPEA/INPES.
- GATES, W.H. 1995: *A Estrada do Futuro*. São Paulo, Companhia das Letras.
- GREENSPAN, A. 2008: *A Era da Turbulência: aventuras de um novo mundo*, Rio de Janeiro, Ed. Campus.
- \_\_\_\_\_. 2013: *O Mapa e o Território*, São Paulo, Ed. Portfolio-Penguin
- HANSEN, A. 1943: "The Postwar Economy", in: Seymour Harris (org.), *Postwar economic problems*, Nova York, McGraw Hill.
- HARVEY, D. 2011: *O Enigma do Capital*, São Paulo, Ed. Boitempo.
- HOBBSBAWM, E.J. 1996: *A Era dos Extremos*. São Paulo, Companhia das Letras.
- KEYNES, J.M. 1978: "As Possibilidades Econômicas de Nossos Netos" (1930), em *Keynes. Grandes Cientistas*

- KRUGMAN, P. 1982: *A Era do Conformismo: as expectativas econômicas frustradas*. Rio de Janeiro, Campus.
- \_\_\_\_\_. 2012: *¡Acabad ya con esta Crisis!*, Barcelona, Critica.
- \_\_\_\_\_. 2013: “Secular Stagnation, Coalmines, Bubbles, and Larry Summers” in *Financial Times*, 16 de dezembro.
- MADDISON, A. 1982: *Phases of Capitalist Development*, Oxford, University Press.
- MINSKY, H.P. 1982: *Can “it” happen again? Essays on instability and finance*. EUA, M. E. Sharpe.
- \_\_\_\_\_. 2011: *John Maynard Keynes*, Campinas, Ed.UNICAMP.
- PÉREZ, C. 2002: *Technological Revolutions and Financial Capital: The Dynamics of Bubbles and Golden*
- PIORE, M.J. e SABEL, C.F. 1984: *The Second Industrial Divide*. Nova York, Basic Books.
- ROBERTSON, R.M. 1967: *História da Economia Americana*, Rio de Janeiro, Record.
- ROUBINI, N. e MIHM, S. 2010: *A Economia das Crises*, Rio de Janeiro, Ed. Intrínseca.
- SCHUMPETER, J. A. 1939: *Business Cycles: a theoretical, historical, and statistical analysis of the capitalist process* (BC). Nova York, McGraw Hill.
- \_\_\_\_\_. 1982: *Teoria do Desenvolvimento Econômico (TDE)*. São Paulo, Abril Cultural, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. 1984: *Capitalismo, Socialismo e Democracia (CSD)*. Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- SUMMERS, L. 2013: “Why stagnation might prove to be the new normal” in *Financial Times*, 15 de dezembro.
- STIGLITZ, J.E. 2010: *O Mundo em Queda Livre*, São Paulo, Ed. Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. 2012: *El Precio de la Desigualdad*, Madrid, Ed. Taurus.